

Crítica // A paixão segundo G.H. ★★★★★

A suprema expressão do desejo

Com 60 anos de distância, desde a primeira publicação, o livro de Clarice Lispector ganha vertiginosa adaptação pelas mãos do mesmo cineasta de *Lavoura arcaica*

Ricardo Daehn

Longe de enfadar, *A paixão segundo G.H.*, é preciso salientar, envolve a declamação de um espesso texto que, carregado, na tela, desafia a concentração do espectador, em alguns momentos. Nas bordas de um precipício imaginário, retido pelo roteiro, uma mulher da elite sessentista fica, à deriva, entre razão, consciência e a mais enervante emoção. As primeiras notas do filme, com música em tons marcantes, acusam um clima de sondagem e provocativas imagens distorcidas, com um sentido de transe e ainda direito a um berro distendido de horrores encapsulados pela protagonista (Maria Fernanda Cândido). Liturgicamente, o filme bebe da cátedra de Clarice Lispector, gestora primitiva da trama adaptada pelo cinema de Luiz Fernando Carvalho.

Tédio, gravidez, sonhos, sedução, preconceitos e austeridade, junto com a ginga de G.H., a protagonista, em se revalidar na vida,



tomam conta do filme dotado de primorosas fotografia e direção de arte, respectivamente, da dupla Miqueias Lino e Paulo Mancini, e João Irênio. A inquietação diante da entrega (sem volta) a um embate, entorpecente, direciona G.H. à construção e desestruturação de discurso interno, no qual ela rearranja, em meio à desorganização profunda, os conceitos e visões que tocam até mesmo a desconsideração pela antiga empregada doméstica (Janair, papel reservado a Samira Nancassa).

Frente à frente, G.H. e

PARIS FILMES/DIVULGACAO



Fernanda em *A paixão segundo G.H.*: trama vertiginosa

de Maria Fernanda Cândido vem como um ensaio com ampla criação e entendimento (para usar expressões do texto original).

A instabilidade mental e um sentido de renúncia extremada movem G.H. — nesse desprendimento, tal qual no romance, vem a percepção de que a inicial promessa de vida se efetive, e a personagem passe “a viver”. G.H. deixa de ser bipartida (como a barata fora). Por vezes, afetado à la editorial da *Vogue*, o cinema de Luiz Fernando Carvalho (espetacular, em *Lavoura arcaica*) segue majestoso, e com vertentes visíveis: bebe de Luchino Visconti (*Morte em Veneza que o diga*), traz a introspecção de Bergman (no aspecto de janela com quadro de projeção europeu e ainda no dado da busca pelas “raízes da identidade” de G.H., que se “funde” a outro ser) e a densidade de Elia Kazan (em *Vidas amargas*). A trilha sonora, por vezes kitsch, funciona para o vertiginoso filme que abraça o recado final, na voz de Elis Regina.

Janair — além de uma onipresente barata — terão encontro decisivo, que resulta no desprezo por antigas limitações machistas e na contestação do significado e do alcance do amor de G.H.. Curioso que se faça um raio-X do animal (visto até em versão negativa), ao passo que a solidão da vida de G.H. passa à condição etérea, com dissolução de luxos, desprezo pela moralidade e dedos em riste, que parecem antenas a captar a sensibilidade. Na exaustiva jornada da personagem, o trabalho